

## FICHA TÉCNICA

Título original: *Mal di Pietre*

Autora: *Milena Agus*

Copyright © 2006 Nottetempo srl

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2010

Tradução: *Maria Jorge Vilar de Figueiredo*

Imagem da capa gentilmente cedida por Outsider Films

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.<sup>a</sup> edição, Lisboa, Junho, 2010

Reimpressão, Lisboa, Fevereiro, 2017

Depósito legal n.º 310 809/10

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 BARCARENA

info@presenca.pt

www.presenca.pt

«Se eu nunca te encontrar,  
faz-me sentir ao menos a tua falta.»

Pensamento de um soldado no filme  
*A Barreira Invisível*

A avó conheceu o Veterano no Outono de 1950. Vinda de Cagliari, chegava pela primeira vez ao Continente. Ia fazer quarenta anos e não tinha filhos porque *su mali de is pedras*<sup>1</sup> a fazia sempre abortar nos primeiros meses. Por isso, com o casaco comprido de corte direito, os sapatos altos com atacadores e a mala que o marido levava quando se tinha refugiado lá na terra, foi mandada para as termas, para se tratar.

---

<sup>1</sup> «O mal das pedras»: cálculos renais.

Casara tarde, em Junho de 1943, depois do bombardeamento dos americanos a Cagliari, e nessa época aos trinta anos ainda não ter marido era quase como ser já uma solteirona. Não que fosse feia ou lhe faltassem pretendentes, pelo contrário, só que, a certa altura, os pretendentes começavam a rarear as visitas e depois deixavam de aparecer, sempre antes de terem pedido oficialmente a sua mão ao meu bisavô. Gentil menina, causas de força maior impedem-me esta quarta-feira, e também na próxima, de *fai visita a fustetti*<sup>2</sup>, coisa que me seria muito grata, mas infelizmente impossível. Então, a avó esperava pela terceira quarta-feira, mas via sempre aparecer uma *pipiedda*<sup>3</sup> com a carta que adiava mais uma vez e depois, nada mais.

O meu bisavô e as irmãs também gostavam dela assim, quase solteirona, mas a minha bisavó não, tratava-a sempre como se não fosse sangue do seu sangue e dizia que ela sabia porquê.

Aos domingos, quando as raparigas iam à missa ou passear no estradão de braço dado com os namorados, a minha avó apanhava os cabelos num puxo, ainda bastos e negros quando eu era pequena e ela já era velha, imaginemos como seriam

---

<sup>2</sup> «De lhe fazer uma visita.»

<sup>3</sup> «Miúda.»

então, e ia à igreja perguntar a Deus porquê, porque era tão injusto que lhe negava o conhecimento do amor, que é a coisa mais bela, a única por que vale a pena viver uma vida em que te levantas às quatro da madrugada para as lidas domésticas e depois vais para os campos e depois para a seca da escola de bordado e depois vais à fonte com a bilha à cabeça buscar água para beber e depois de dez em dez dias passas uma noite inteira acordada para fazeres o pão e depois tiras água do poço e depois tens de dar de comer às galinhas. Então, se Deus não queria que ela conhecesse o amor, que a matasse, de uma maneira ou de outra. Na confissão, o padre dizia-lhe que tais pensamentos eram um pecado muito grave e que há muitas outras coisas neste mundo, mas a avó não queria saber das outras coisas.

Um dia, a minha bisavó esperou por ela no pátio com a *zironia*, que era um azorrague, e começou a zurzi-la até lhe fazer feridas mesmo na cabeça e ficar com muita febre. Tinha sabido por boatos que corriam na terra que os pretendentes se iam embora porque a avó lhes escrevia poemas de amor ardentes que chegavam a falar de coisas ordinárias e que a filha estava a enlamear-se não só a si mesma, mas a toda a família. E continuava a zurzi-la, a zurzi-la e a gritar: «*Dimonia! Dimonia!*» e a maldizer o dia em que a tinha mandado para a primeira classe e ela tinha aprendido a escrever.